



AVANÇOS E DESAFIOS NA COLOSTOMIA NA CIRURGIA VETERINÁRIA: INVESTIGAÇÃO SOBRE SEU PAPEL NO TRATAMENTO DE FÍSTULAS E FERIDAS PERIANAIS

Sophie Missagia Springer^{1*}, Larissa Melo Cristina Silva¹, Bruno Machado Bertassoli² e Leonardo Dias Mamão².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: sophiemissagia00@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A intervenção cirúrgica conhecida como colostomia é uma prática frequentemente adotada em indivíduos humanos afetados por fístulas reto cutâneas, visando desviar o fluxo fecal e, conseqüentemente, reduzir a contaminação da lesão, proporcionando uma base favorável para a cicatrização e recuperação do paciente¹. No entanto, na esfera veterinária, a aplicação dessa técnica é insuficientemente documentada, com escassos registros sobre sua eficácia e implementação específica em animais^{1,2}. Feridas perineais e perianais representam um desafio para os profissionais veterinários devido à complexidade de fechamento da pele e à exposição contínua a contaminantes fecais, aumentando o risco de infecção^{1,2}. A colostomia temporária emerge como uma estratégia comum para o manejo dessas feridas, permitindo o desvio do fluxo fecal e facilitando a cicatrização¹. No entanto, a limitada disponibilidade de relatos e estudos na literatura veterinária destaca a necessidade urgente de pesquisas adicionais para preencher essa lacuna e desenvolver protocolos de manejo mais eficazes e direcionados para essas condições clínicas específicas¹.

O objetivo deste resumo é investigar a eficácia da colostomia no manejo de fístulas reto cutâneas e feridas perineais e perianais em animais, explorando sua aplicação clínica, os resultados obtidos e os desafios enfrentados na prática veterinária.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um levantamento bibliográfico de trabalhos publicados em plataformas científicas como Scielo, PubMed e Google Acadêmico, selecionando publicações de 1994 a 2022. As palavras-chave utilizadas foram: colostomia, fístulas reto cutâneas, feridas perianais, tratamento, intervenção cirúrgica, cirurgia veterinária, recuperação, pós-operatório, complicações, manejo clínico e antibioticoterapia. Após a seleção, os trabalhos foram criteriosamente analisados para fornecer uma base sólida de informações.

RESUMO DE TEMA

Os cães têm desempenhado um papel crucial como modelos experimentais no desenvolvimento de técnicas cirúrgicas, particularmente na área da colostomia, utilizadas em procedimentos humanos³. Esses estudos forneceram perspectivas valiosas sobre a viabilidade e eficácia dessas abordagens, contribuindo significativamente para avanços na medicina³. A realização do desvio fecal em cães revelou-se uma intervenção de grande importância clínica^{1,2,3}. Além de sua simplicidade técnica, o procedimento pode ser executado de forma rápida, oferecendo uma solução vital em situações emergenciais para animais debilitados³. A capacidade de realizar o desvio fecal com sucesso não apenas proporciona alívio imediato de complicações intestinais graves, mas também pode ser fundamental para salvar vidas, destacando a importância da aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em pesquisas translacionais^{1,2,3}.

Estudos demonstram que, na medicina veterinária, muitos cirurgiões realizaram por muito tempo a colostomia de forma limitada, possivelmente devido a desafios no manejo pós-operatório⁴. Proprietários de animais submetidos a esse procedimento frequentemente expressam preocupação com o vazamento fecal e a necessidade frequente de trocar os adesivos^{1,2,4}. No entanto, uma investigação mostrou que técnicas de irrigação colônica, que introduzem água ou solução no cólon, reduziram significativamente o volume fecal e a frequência de trocas de adesivos, melhorando a aceitação do procedimento pelos proprietários⁴.

Fístulas enterocutâneas são pouco observadas em animais de pequeno porte⁵. Cirurgias anteriores, trauma retal, neoplasias e doenças inflamatórias são os principais fatores desencadeantes para o desenvolvimento dessas fístulas^{1,5}. Também pode-se incluir diversos outros fatores, como mordidas de outros animais, complicações de procedimentos cirúrgicos como herniorrafia perineal ou saculectomia anal, ingestão de corpos estranhos que causam trauma, corpos estranhos que penetram pelo ânus, iatrogenia durante palpções retais, falhas na

administração de enemas, ferimentos por arma de fogo, facadas e fraturas pélvicas^{1,6}. Além disso, causas congênitas e malformações devem ser consideradas, visto que, durante o desenvolvimento embrionário, a cloaca representa uma abertura comum para os tratos gastrointestinal, urinário e reprodutivo, sendo a atresia anal a alteração mais comum^{1,6,7}. A abordagem das fístulas enterocutâneas pode ser desafiadora, e a cicatrização muitas vezes não é satisfatória^{1,2,5}. A colostomia é frequentemente empregada para desviar o material fecal longe do local da lesão, facilitando assim a cicatrização sem complicações^{1,2,5}. Existem poucos relatos de colostomias em cães e gatos na literatura cirúrgica, que pode ser atribuída a questões de manejo e à relativa utilização dessa técnica em pequenos animais^{1,5}.

A colostomia implica na criação de um estoma no lado esquerdo do abdômen, conectado a uma abertura feita no cólon, permitindo a eliminação das fezes^{1,7,8}. Pode-se classificar essa técnica como terminal ou em alça, além de temporária ou permanente^{1,4}. No contexto veterinário, a aplicação da técnica temporária geralmente varia de uma semana a sete meses^{1,6}. Embora seja uma intervenção útil, complicações podem surgir, tanto precoces quanto tardias, semelhantes às descritas na medicina humana, podendo ocorrer em animais^{1,7,8}. A escolha entre colostomia terminal e em alça pode afetar a incidência de prolapso⁹. Entre as complicações mais comuns estão a separação muco cutânea, prolapso da alça intestinal pelo estoma, estenose do estoma, obstrução intestinal, infecção da ferida cirúrgica, dermatites (como demonstrado na Fig. 1), abscessos, hérnia incisional, deiscência da anastomose, sepse e sangramento, podendo levar à morte do paciente^{1,6,7}.



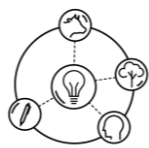
Figura 1: Dermatite em volta do estoma da colostomia (Fonte: SVORONOU, M.; et al. Hellenic Journal of Companion Animal Medicine. *Hellenic Journal of Companion Animal Medicine*, v. 11, n. 2-2022.).

Embora o uso de bolsa de colostomia não seja mencionado em todos os relatos, especialmente em animais de pequeno porte, medidas como posição ventral do estoma, irrigação frequente com solução salina e dieta adequada podem ajudar a evitar complicações relacionadas à eliminação de fezes^{1,6,9}.

Um estudo foi conduzido em uma gata com fístula anal, no qual foi necessária a realização de uma cirurgia de colostomia⁵. Durante o procedimento, o cólon foi seccionado, e sua extremidade distal foi fechada com suturas⁵. Em seguida, a extremidade proximal do cólon foi exteriorizada por meio de uma incisão na parede abdominal (Fig. 2 – A)⁵. Um estoma foi criado ao suturar toda a espessura do cólon à pele utilizando suturas absorvíveis, seguindo um padrão de sutura simples interrompido. (Fig. 2B)⁵.

Neste caso descrito, foi realizada com êxito a reconstrução anal para tratar a atresia do ânus⁵. O felino manifestou incontinência por aproximadamente duas semanas após a intervenção cirúrgica e experimentou constipação por um curto período posteriormente; este

XIII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



fenômeno pode ser atribuído a danos temporários à inervação anal ou à musculatura do esfíncter durante a dissecação⁵. A função esfínteriana foi restaurada posteriormente, e o gato passou a produzir fezes semissólidas⁵.

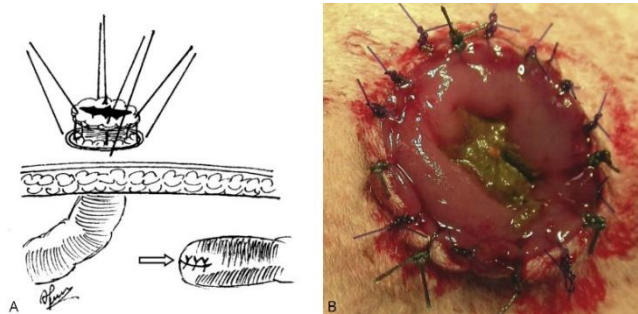


Figura 2: Representação esquemática da cirurgia de colostomia na gata (A) e resultado final da cirurgia, finalizado com pontos simples separados (B). (Fonte: TSIOLI, V. et al. Use of a temporary incontinent end-on colostomy in a cat for the management of recto cutaneous fistulas associated with atresia ani. *Journal of feline medicine and surgery*, v. 11, n. 12, p. 1011-1014, 2009.)

Um estudo recente destacou a importância da colostomia para o tratamento de pacientes quimioterápicos, evidenciando sua eficácia na melhoria da qualidade de vida e na extensão da expectativa de vida em até 90 dias¹⁰. Essa intervenção crucial demonstrou-se especialmente relevante em condições como disquezia devido a obstruções associadas ao adenocarcinoma anal¹⁰. Apesar da negligência na medicina veterinária e da escassez de estudos sobre o assunto, a colostomia terminal emergiu como uma solução vital, permitindo uma administração mais eficaz da quimioterapia adjuvante enquanto alivia os sintomas desconfortáveis¹⁰. A adaptação de bolsas de colostomia descartáveis, originalmente concebidas para pacientes humanos, para uso em cães revelou-se uma alternativa econômica e eficaz no tratamento da disquezia decorrente de condições como o adenocarcinoma retal¹⁰. Esses achados promissores oferecem uma nova perspectiva para o manejo de animais que necessitam de assistência na eliminação de resíduos fecais, ressaltando a importância da colostomia na medicina veterinária¹⁰.

Entre as complicações frequentemente observadas, uma das mais comuns tanto em seres humanos quanto em porquinhos-da-índia submetidos à colostomia terminal é a dermatite periestomal^{1,6,7,11,12}. Isso ocorre devido à reação à cola da bolsa de colostomia e ao contato das fezes com a pele ao redor do estoma, causando desconforto e dificultando a recuperação do paciente¹³.

Para cirurgias do reto, ânus e cólon, tanto em humanos quanto em animais, é recomendado o uso de antibióticos profiláticos para reduzir o risco de complicações e mortalidade pós-cirúrgica; esses antibióticos visam diminuir a quantidade de bactérias intestinais, mas é importante ressaltar que eles não substituem técnicas cirúrgicas adequadas e procedimentos assépticos^{1,14,16}. Como as fistulas reto cutâneas são incomuns em pequenos animais, o tratamento varia de acordo com a gravidade do caso^{1,6,17}. Opções incluem correção cirúrgica, lavagem e debridamento da fístula, mantendo a área limpa até que a cicatrização ocorra por segunda intenção¹. Outra abordagem é desviar as fezes do local afetado para reduzir a contaminação e facilitar a cicatrização, utilizando assim, a colostomia^{1,9,16}.

Por fim, apesar da limitada disponibilidade de relatos sobre o emprego da colostomia em pequenos animais, é importante reconhecer sua viabilidade como uma opção terapêutica^{1,16}. Através da criação de uma abertura no cólon para desviar as fezes longe da região perineal, a colostomia pode desempenhar um papel crucial na redução da contaminação fecal e na facilitação do processo de cicatrização^{1,5,9,10}. Apesar de suas complicações pós operatórias, essa abordagem pode representar uma solução valiosa para condições que envolvem complicações no reto, ânus e cólon, proporcionando alívio e promovendo uma melhor qualidade de vida para os pacientes veterinários^{1,5,9,10}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a colostomia emerge como uma intervenção cirúrgica crucial para o manejo de condições do trato gastrointestinal em pacientes veterinários, apesar da escassez de estudos na literatura bibliográfica. Embora as complicações pós-operatórias possam representar desafios, é imperativo reconhecer a importância dessa técnica na redução da contaminação fecal e na facilitação da cicatrização em casos de fistulas reto cutâneas e outras condições similares. Diante disso, é fundamental que cirurgiões veterinários considerem e estudem essa abordagem, especialmente em pacientes com fistulas anais, visando evitar complicações como deiscência de pontos devido à infecção fecal. Mais estudos são necessários para ampliar o conhecimento e a compreensão dos benefícios e desafios associados à colostomia na medicina veterinária, garantindo assim melhores cuidados e qualidade de vida para os pacientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BEGO, S.C.; MOREIRA, D.B.S.; ARIAS, M.V.B. Colostomia no tratamento de fístula retocutânea em cão e gato - relato de dois casos. *Clínica Veterinária*, p. 52-62, 2012.
2. SVORONOU, M.; DOURDAS, G.; LIAPIS, I. Hellenic Journal of Companion Animal Medicine. *Hellenic Journal of Companion Animal Medicine*, v. 11, n. 2-2022.
3. HARDIE, E. M.; GILSON, S. D. Use of colostomy to manage rectal disease in dogs. *Veterinary Surgery*, v. 26, n. 4, p. 270-274, 1997.
4. WILLIAMS JR, F. A. et al. The use of colonic irrigation to control fecal incontinence in dogs with colostomies. *Veterinary Surgery*, v. 28, n. 5, p. 348-354, 1999.
5. TSIOLI, V. et al. Use of a temporary incontinent end-on colostomy in a cat for the management of rectocutaneous fistulas associated with atresia ani. *Journal of feline medicine and surgery*, v. 11, n. 12, p. 1011-1014, 2009.
6. FRANSSON, B. A. Rectocutaneous fistulas. *Compendium on Continuing Education for the Practicing Veterinarian*, v. 30, n. 4, p. 224-236, 2008.
7. TOBIAS, K. M. Rectal perforation, rectocutaneous fistula formation, and enterocutaneous fistula formation after pelvic trauma in a dog. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 205, n. 9, p. 1292-1296, 1994.
8. KUMAGAI, D.; SHIMADA, T.; YAMATE, J.; OHASHI, F. Use of an incontinent end-on colostomy in a dog with annular rectal adenocarcinoma. *Journal of Small Animal Practice*, v. 44, n. 8, p. 363-366, 2003.
9. TSIOLI, V.; PAPAZOGLU, L. G.; ANAGNOSTOU, T.; KOUTI, V.; PAPADOPOULOU, P. Use of a temporary incontinent end-on colostomy in a cat for the management of rectocutaneous fistulas associated with atresia ani. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 11, n. 12, p. 1011-1014, 2009.
10. HONG, Y. J. et al. A case of end-on colostomy in a dog suffering from dyschezia. *Journal of veterinary clinics*, v. 39, n. 6, p. 384-389, 2022.
11. DABIRIAN, A.; YAGHMAEI, F.; RASSOULI, M.; TAFRESHI, M. Z. Quality of life in ostomy patients: a qualitative study. *Patient Preference and Adherence*, v. 5, n. 1, p. 1-5, 2011.
12. BISCHOFF, A.; LEVITT, M. A.; LAWAL, T. A.; PEÑA, A. Colostomy closure: how to avoid complications. *Pediatric Surgery International*, v. 26, n. 11, p.1087-1092, 2010.
13. CESARETTI, I. U. R. Dermatite periestoma: da etiologia ao tratamento e assistência de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 10, n. 2, p. 80-87, 1997.
14. HOLT, D. E.; BROCKMAN, D. Large intestine. In: SLATTER, D. H. *Textbook of Small Animal Surgery*. 3. ed. Philadelphia: Saunders, 2003. p. 665-682.
15. ARONSON, L. Rectum and anus. In: SLATTER, D. H. *Textbook of Small Animal Surgery*. 3. ed. Philadelphia: Saunders, 2003. p. 682-707.
16. HOLT, D. E.; BROCKMAN, D. Large intestine. In: SLATTER, D. H. *Textbook of Small Animal Surgery*. 3. ed. Philadelphia: Saunders, 2003. p. 665-682.